



APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

Rodrigo Arellano Saavedra¹

Karla Lucia Bento²

Edinéia Tavares Lopes³

O Gepiadde traz a público o volume 30 da **Revista Fórum Identidades**, referente ao segundo semestre de 2019. Esta edição é composta pelo dossiê PROCESSOS DECOLONIAIS E A (RE)AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS E AFRODESCENDENTES e por uma sessão livre. No dossiê, acolhemos trabalhos que abordam processos decoloniais com vistas a fortalecer epistemologias pautadas na interculturalidade e justiça social. Na Seção livre, há textos com diferentes abordagens sobre questões identitárias e práticas de ensino voltadas para diferentes letramentos.

Quanto ao dossiê, retomamos as reflexões acerca do processo colonial imposto à América Latina, que se pautou pela construção de identidades a partir de um modelo civilizatório monocultural e eurocêntrico. Para demarcar o lugar de cada um dentro dessa estrutura colonial, construiu-se a ideia de raça que naturalizou os papéis de subserviência desse sistema. Assim, os povos originários que habitavam o território americano passaram todos à categoria de ‘índios’. Já as pessoas arrancadas de distantes partes da África foram classificadas como ‘negras’.

Tal processo intentou destituir as populações colonizadas de sua cultura, seu modo de ser, agir, estar e conviver no mundo, produzindo as colonialidades do poder, saber, ser e crer, as quais ainda se reproduzem nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais do atual sistema capitalista. Ao naturalizar esse processo de violência cultural, traça-se o caminho da concordância daquilo que é indicado como legítimo, para aceitar em nome do modelo eurocêntrico, a subordinação colonial e sub-colonial, a construção de identidades. Gerar processos decoloniais e de (re)afirmação de identidades étnicas em territórios indígenas e

¹ Prof. Dr. da Universidad Católica del Maule - Chile-Brasil

² Profa. Dra. da Universidade Regional de Blumenau - FURB-Brasil

³ Profa. Dra. da Universidade Federal de Sergipe - UFS-Brasil

afrodescendentes na América Latina torna-se imperativo para movimentos de resistência que intentam reafirmar e reconstruir modos de ser, estar e conviver historicamente subalternizados.

Propondo novas abordagens para essas imposições históricas, abrimos o dossiê com o artigo intitulado A COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA LATINA, de autoria de Cláudia Battestin, Jailson Bonatti e Jeanice Rufino Quinto, que apresentam, por meio de uma investigação bibliográfica, desdobramentos sobre os impactos que a colonização causou na história e cultura dos povos originários na América Latina. As autoras e o autor objetivam refletir sobre a influência que o projeto de colonização causou nas estruturas e sistemas de vida dos povos que habitavam essas terras. Refletem que os subsistemas e as identidades criados evidenciam como a dominação cultural dos projetos colonizadores ainda permanecem com predominância hegemônica e monocultural. Defendem que revisitar o passado se torna um compromisso ético em tempos que a luta deve ser uma constante nas práticas educativas.

O segundo artigo de autoria de Karla Lucia Bento e Lilian Blanck de Oliveira, cujo título é COLONIZAÇÃO, TERRITÓRIO E INTERCULTURALIDADE: POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS, apresenta a organização da educação escolar indígena intercultural do Povo Laklãñõ/Xokleng como possibilidade de resistência e rompimento de colonialidades. Este trabalho tem como objetivo identificar práticas educacionais que rompem com as colonialidades produzidas e adota com base metodológica a pesquisa participante. Os resultados apontam que a comunidade identifica a escola como instrumento de fortalecimento da cultura e forma de apropriação de conhecimentos da sociedade não indígena, importantes na luta por direitos ainda violados. As autoras concluem, a partir desses resultados, que as estratégias de resistência do Povo envolvem práticas dialógicas da educação intercultural.

Diana Cibele de Assis Ferreira e Sandro Guimarães de Salles, no artigo PRIMEIRO NÓS SOMOS INDÍGENAS E DEPOIS NÓS SOMOS PROFESSORES: EDUCAÇÃO ESCOLAR E IDENTIDADE ÉTNICA DO POVO KAMBIWÁ, analisam a influência da identidade étnica na prática dos professores e professoras Kambiwá. Procuram refletir, também, a partir das observações e conversas com a comunidade, como essa prática docente está orientada pelos saberes, aprenderes e ensinares do povo. Inúmeros desafios e fragilidades enfrentados tanto pelos(as) professores(as) Kambiwá, quanto pelos demais professores/as

de Pernambuco em seus processos formativos foram desvelados. Para o autor e a autora, por seu caráter assimilacionista e racista, os espaços de formação, tanto em nível básico quanto superior, não se encontram abertos a outros sistemas de conhecimentos e culturas. Mesmo assim concluem que, apesar dos processos formativos dos professores indígenas sofrerem influência do projeto colonial e individualizante do sistema, em contraposição às identidades indígenas, com sólida fundação comunitária, a prática docente dos professores e professoras da educação escolar Kambiwá é orientada pela e para a identidade étnica.

No artigo seguinte, APARELHAGEM TUXAUÁ, O SOM QUE FAZ A TRIBO DANÇAR: MEMÓRIA DISCURSIVA INDÍGENA EM MATERIALIDADES CULTURAIS NÃO INDÍGENAS, Jairo da Silva e Silva denuncia que quando o assunto é ser indígena no Brasil a grande mídia insiste e persiste em uma rede de memórias baseadas em estereótipos, silenciamento de vozes e exotismo. Aponta também que, apesar desse empreendimento negativo, pode-se contar com outros segmentos que valorizam e (re)afirmam a identidade indígena. É o caso da aparelhagem Tuxauá, a qual, mesmo sem ser indígena, é atravessada por uma rede de memórias que (re)afirma esta identidade. Assim, o autor, sob perspectivas teóricas-metodológicas da Análise do discurso de linha francesa, analisa os efeitos de sentidos agenciados pela memória discursiva enquanto (re)afirmação da identidade indígena em materialidades culturais não indígenas. Como resultado, entende que, aos adeptos desta manifestação cultural, é motivo de orgulho assumir uma identidade indígena.

Como primeiro artigo que trata sobre as identidades afrodescendentes, apresentamos o trabalho JACKSON DO PANDEIRO: NEGRO-VIDA, de autoria de Hernany Donato de Moura. Esse texto ressalta a importância da vida do ritmista Jackson do Pandeiro, tomando como parâmetro a construção do forró como expressão literária popular corrente no período de transição entre os séculos XIX e XX. O autor busca dialogar com a literatura clássica e com o cânone literário, propondo o protagonismo afro-brasileiro. Como metodologias foram analisadas vida e obra de Jackson do Pandeiro, selecionando algumas canções importantes do período entre 1953-1977 para ressaltar o quanto essas composições são construídas com elementos da cultura afro-brasileira e se identificam com a literatura oral.

No Artigo A QUESTÃO QUILOMBOLA SOB O PRISMA DO GÊNERO, OU COMO A BUSCA IDENTITÁRIA INVERTE

LÓGICAS DO PODER MASCULINO: UM ESTUDO DE CASO, Paulo Sérgio da Costa Neves aborda as mudanças nas relações de gênero no interior das comunidades quilombolas a partir das estratégias de legitimação adotadas por elas para provar um passado quilombola. O artigo evidencia algumas das atividades consideradas como típicas da comunidade são exercidas por mulheres, o que confere a elas uma visibilidade e um protagonismo pouco usuais no meio rural. Como reflexões, aponta que o início do processo de reconhecimento do grupo como remanescente quilombola tem repercussões tanto ao nível das relações sociais no interior do grupo, quanto na sua visibilidade externa.

Vilma Aparecida de Pinho e Fábio Coelho Pinto, no artigo a EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA REFLEXÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, analisam as práticas pedagógicas na EMEF Achilles Ranieri, situada na comunidade quilombola do Matias, município de Cametá-PA. Anunciam que a discussão sobre negritudes, como dimensão epistêmica, aponta a possibilidade de construir instrumentos e elementos para a afirmação da identidade do sujeito negro. Como conclusões destacam que a prática pedagógica no contexto escolar quilombola é necessária para o fortalecimento da educação para as relações étnico-raciais, refletindo a relevância do conhecimento tecnológico-científico e sem deixar de lado a história e realidade dos sujeitos quilombolas.

No bojo das discussões sobre Ciências, as autoras Simone dos Santos Ribeiro, Patrícia Montanari Giraldi e Suzani Cassiani, em AS NÃO AUSENTES: OLHAR INTERSECCIONAL PARA A ECOLOGIA DE SABERES, propõem, em oposição a narrativas ocidentalizadas sobre ciência e objetividade, discutir possibilidades de olhar para a produção dos conhecimentos científicos, considerando contextos e conhecimentos desde “corpos outros”. Pautam-se nas Epistemologias do Sul numa revisitação à Ecologia de Saberes e utilizam a interseccionalidade como categoria de análise. O texto debate como questões de base podem contribuir com anúncios para a discussão epistemológica na Educação em ciências para que seja antirracista, antissexista e antihomofóbica em acordo com os pressupostos dos direitos humanos. Apontam possibilidades de enfrentamento e propõem que o olhar interseccional, para a Ecologia de Saberes, é um modo de deslocar a reprodução e perpetuação das relações de poder estabelecidas na constituição dos conhecimentos científicos.

As análises realizadas em um livro didático de Ciências do Sexto Ano do Ensino Fundamental sobre as identidades negras relacionando

aspectos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) que possam somar aos debates sobre a contextualização no ensino de Ciências é o objetivo do artigo LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS: IDENTIDADES NEGRAS E CONTEXTUALIZAÇÃO EM DEBATE, de autoria de Agnes Gardênia Passos Bispo, Edinéia Tavares Lopes e Maria Batista Lima. Constatam que a preocupação com a diversidade é apresentada em apenas uma das seis características apontadas no Manual do professor da coleção analisada. Concluem que embora o livro apresente um número significativo de imagens de pessoas negras, estas são representadas predominantemente em situações de menor prestígio social, com exceção das crianças representadas em situações coletivas mais positivas. Quanto à contextualização, apresenta propostas de abordagens relacionadas à perspectiva CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). No entanto, há distanciamento em relação às diretrizes curriculares da ERER e da EEQ.

Finalizamos este dossiê com o artigo GEMGE NA FORMAÇÃO DE EPISTEMES DE SUBVERSÃO NO CAMPO EDUCACIONAL, da autoria de Raimunda Nonata da Silva Machado e Simone Cristina Silva Simões, que propõem refletir sobre a atuação do GEMGE como espaço propulsor de produção científica feminina. Argumentam sobre a potência do GEMGE na formação de epistemologias de subversão, que contribuem para a renovação da historiografia da educação maranhense, tendo em vista a ênfase, deste grupo, na análise de processos decoloniais.

No seu conjunto, os artigos do dossiê socializam práticas pedagógicas decoloniais que envolvem uma educação-ação dialógica com vistas a construir conhecimentos e formar consciência política para que os próprios sujeitos ajam sobre suas realidades, transformando-as em prol do bem comum. Reconhecer essas práticas, espalhadas pela América Latina, nos parece um sopro de esperança - de esperar, como nos ensinou Paulo Freire.

Na seção livre, temos artigos que retomam o debate sobre educação e representações da violência contra a mulher. Em PRÁTICA DE LETRAMENTO RELIGIOSA EM UM POVOADO NO AGRESTE DE ALAGOAS, Sanadia Gama dos Santos e Neiva Maria Jung analisam uma prática de letramento religiosa no povoado da Mesorregião do Agreste de Alagoas a fim de mapear as peculiaridades de práticas estratégicas pessoais de construção da identidade local a partir

APRESENTAÇÃO

da fundamentação dos princípios da Etnografia da Linguagem, segundo Garcez; Sschulz e Santos. Para tanto, as autoras consideram a análise dos modos de interação de população com textos escritos e com valores locais sobre religiosidade e a tradição do imaginário do Dia de Finados.

Na continuidade, em *VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA FICÇÃO DE MARIA JOSÉ SILVEIRA*, Elane da Silva Plácido e Roniê Rodrigues da Silva analisam como o silenciamento e a violência contra a mulher estão representados esteticamente no romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, (2002), de Maria José Silveira. A autora e o autor ressaltam o quanto que essa obra questiona as estratégias de colonização da identidade de gênero feminino. Metodologicamente, foram explorados conceitos feministas propostos por Heleieth e John Stuart Mill, (2006), para uma análise dos diferentes tipos de violência doméstica sofrida pelas personagens Ana de Pádua e Clara Joaquina, dialogando com os estudos de gênero e da subalternidade.

Por fim, em *A COMPREENSÃO DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA LEITURA DE UMA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA*, José Ricardo Carvalho e Kelly Cristina de Oliveira Passos propõem atividades de interação com o gênero crônica para alunos do Ensino Fundamental. Didaticamente, o autor e autora ressaltam a importância da seleção de textos com temas sociais para a formação do leitor crítico. Como abordagens metodológicas são utilizados procedimentos sociodiscursivos, propostos por Dolz, Pasquier e Bronckart, para a produção de atividades de interpretação da crônica “O natal de Severino Jesus”, de Rubem Braga. Essas atividades valorizam as operações sociocognitivas realizadas pelo leitor no sentido do texto lido.

Assim, tanto no dossiê, quanto na seção livre, temos artigos que priorizam o descentramentos das identidades tradicionais e deslocam valores sociais hegemônicos. Essas abordagens são prioritárias para a construção de uma crítica cultural atual e diversificada, que englobe diferentes pontos de vista dos territórios identitários na contemporaneidade. Para finalizar, agradecemos a contribuição dos autores e das autoras que, gentilmente, cederam seus textos para a **Revista Fórum Identidades**, possibilitando a divulgação de suas pesquisas.

Itabaiana, dezembro de 2019